

BELL HOOKS: princípios éticos e pilares educacionais para a construção da Comunidade Pedagógica

Teresa Christina da Cruz Bezerra*, Ivanilde Apoluceno de Oliveira** e Kássya Christinna Oliveira Rodrigues***

Resumo

Neste ensaio, tecemos reflexões sobre a Comunidade Pedagógica elaborada por Bell Hooks (2017), trazendo os contributos de sua ética amorosa, comprometida com as diferenças, para o processo criativo da sala de aula libertadora ancorada na Educação como Prática da Liberdade. Objetiva este ensaio dialogar com princípios éticos e pilares educacionais presentes na Comunidade Pedagógica de Bell Hooks que orientam práticas educativas de enfrentamento ao racismo e todas as formas de exclusão social. Trata-se de um ensaio teórico com reflexões ancoradas em obras de Bell Hooks (2017, 2019, 2020, 2021a, 2021b) e de autores afins ao seu pensamento libertador. Entre os resultados, identificou-se que a ética inscrita na obra de Bell Hooks permite a sensibilização de educadores/as e educando/as para assumirem posturas inclusivas na sala de aula e os pilares educacionais da comunidade pedagógica: abraçar a mudança, a conversação, o ensinar o pensamento crítico, o compartilhar histórias são colaborativos com a práxis da sala de aula libertadora.

Palavras-chave: Bell Hooks; educação como prática da liberdade; comunidade pedagógica.

BELL HOOKS: ethical principles and educational pillars for building the Pedagogical

Abstract

In this essay we reflect on the Pedagogical Community created by Bell Hooks (2017), bringing the contributions of his loving ethics, committed to differences, to the creative process of the liberating classroom anchored in Education as a Practice of Freedom. The aim of this essay is to dialogue with ethical principles and educational pillars present in the Bell Hooks Pedagogical Community that guide educational practices to combat racism and all forms of social exclusion. This is a theoretical essay with reflections anchored in works by bell hooks (2017, 2019, 2020, 2021a, 2021b) and authors similar to his liberating thought. Among the results, it was identified that the ethics inscribed in Bell Hooks' work allows the awareness of educators and students to assume inclusive positions in the classroom and the educational pillars of the pedagogical community: embracing change, conversation, teaching critical thinking and sharing stories are collaborative with the praxis of the liberating classroom.

Keywords: Bell Hooks; education as a practice of freedom; pedagogical community.

* Mestre em Gerontologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP). Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Terapeuta Ocupacional pela UEPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7494-0239>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3804240215158243>. E-mail: cruzbezerrat@gmail.com.

** Doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e UNAM-UAM-Iztapalapa-México. Pós-doutora em Educação pela PUC-RJ. Docente e pesquisadora do PPGED e Coordenadora do Núcleo de Educação Popular (UEPA). Bolsista produtividade do CNPq2. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6486192420682817>. E-mail: nildeapoluceno@gmail.com.

*** Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Docente na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Integrante do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire- Nep/Uepa; Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos/Ufopa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2433-9167>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2224456390745830>. E-mail: kassyaor@gmail.com.

BELL HOOKS: principios éticos y pilares educativos para la construcción de la Comunidad Pedagógica

Resumen

En este ensayo reflexionamos sobre la Comunidad Pedagógica creada por Bell Hooks (2017), trayendo los aportes de su ética amorosa, comprometida con las diferencias, al proceso creativo del aula liberadora anclada en la Educación como Práctica de Libertad. El objetivo de este ensayo es dialogar con los principios éticos y pilares educativos presentes en la Comunidad Pedagógica Bell Hooks que orientan las prácticas educativas para combatir el racismo y toda forma de exclusión social. Se trata de un ensayo teórico con reflexiones ancladas en obras de Bell Hooks (2017, 2019, 2020, 2021a, 2021b) y autores afines a su pensamiento liberador. Entre los resultados, se identificó que la ética inscrita en el trabajo de Bell Hooks permite la concientización de educadores y estudiantes para asumir posiciones inclusivas en el aula y los pilares educativos de la comunidad pedagógica: abrazar el cambio, conversar, enseñar pensamiento crítico y compartir historias. son colaborativos con la praxis del aula liberadora.

Palabras clave: Bell Hooks; la educación como práctica de la libertad; comunidad pedagógica.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio, tecemos reflexões sobre a Comunidade Pedagógica elaborada por Bell Hooks¹ (2017; 2020; 2021a), trazendo contributos de sua Ética Amorosa comprometida com as diferenças, para o contexto criativo da sala de aula libertadora ancorada na Educação como Prática da Liberdade. Reflexões situadas historicamente em uma conjuntura em que o capitalismo na perspectiva neoliberal cria cenários sofisticados de formas de exclusões; portanto produz práticas que ratificam a manutenção do racismo, do capacitismo, do sexismo, da homofobia, entre outras negações do humano como ser de alteridade. Contextos oportunos para a criação de movimentos revolucionários insurgentes “paridos/partejados” no cotidiano. Movimentos que mobilizem corpos humanos resistentes para o enfrentamento e a luta, esperançados em sonhos possíveis de transformações sociais que signifiquem positivamente as diferenças.

Entre esses movimentos e lutas de enfrentamento e de resistência está Bell Hooks que tem uma trajetória de luta contra o racismo bem como contra todas as formas de discriminação e exclusão social e educacional.

Com base na educação como prática de liberdade de Paulo Freire (2006), Bell Hooks apresenta a proposta de construção de uma Comunidade Pedagógica, pautada em princípios

¹ Bell Hooks (2017) nos autoriza a escrever o seu nome em letras minúsculas como forma de evidenciar o seu pensamento, todavia, neste texto, trazemos o seu nome grafado com letra maiúscula com a intencionalidade de destacar a substantividade de uma importante intelectual negra oriunda do Sul dos Estados Unidos da América, sobretudo uma mulher e intelectual do mundo.

éticos, visando a uma sala de aula libertadora, a qual é ativada a partir dos seguintes pilares: abraçar a mudança, a conversação, o ensinar o pensamento crítico e o compartilhar histórias.

Hooks (2021b, p. 30 e 80) considera que para garantir a sobrevivência humana precisamos nos organizar em comunidades, porque a convivência em comunidades alimenta a vida, são fontes de esperança e o “lugar onde nossa paixão por conectar e por aprender é constantemente alimentada [...] Comunidade é uma concepção de mundo onde as pessoas se conectariam com base na humanidade compartilhada”.

A opção da educadora Bell Hooks por cruzar fronteiras para incluir e construir comunidades amorosas de resistência, conhecidas como Comunidades Pedagógicas ou Comunidades de Aprendizagem, está intimamente vinculada ao seu estar sendo no mundo. Por ter nascido ao sul dos Estados Unidos da América, criticou a militância *black power* baseada no Norte e na Costa Oeste por rejeitar a visão de comunidade e condenar as pessoas brancas com base na cor da pele, e não nas crenças e nos comportamentos, percebendo-as como sempre e somente racistas.

A luta antirracista baseada no Sul nutriu nela a noção de que todos/as somos um, sendo possível vislumbrar um povo diverso, vivendo em comunidade, com justiça e em paz. Desta forma, a luta antirracista não se encerrava na conquista dos direitos civis, incluía, ainda, o fim da discriminação e a integração da diversidade humana em comunidades sob o *ethos* da alteridade (Hooks, 2020).

A autora critica a educação colonizadora que socializa para a docilidade débil e estéril, fazendo os/as educandos/as seguirem resignadamente para a morte, ao aceitarem e trabalharem em prol da manutenção dos sistemas de dominação (racismo, sexismo, exploração de classe, imperialismo, capacitismo).

A educação como ferramenta de colonização que serve para ensinar estudantes a serem fiéis ao *status quo* tem sido a norma largamente aceita, de modo que não se pode culpar o enorme corpo docente composto por educadores que simplesmente ensinavam da forma como foram ensinados (Hooks, 2020, p. 61).

Porém, para ela “a recusa de tomar atitude em relação ao que se acredita enfraquece a moralidade e a ética individuais, assim como as de toda a cultura” (Hooks, 2021b, p. 127).

A sua ética amorosa apresenta alguns princípios: a alegria, a autorrealização, o crescimento espiritual, a honestidade, a franqueza, a integridade pessoal, o conhecimento, o

cuidado, a interdependência, o amor, a esperança, a justiça e a liberdade, que iluminam práticas educativas insurgentes e que, portanto, permitem a realização do enfrentamento ao racismo, ao capacitismo, ao machismo, entre outras tecnologias de exclusões vigentes em contextos em que se presentificam os corpos com marcadores de diferenças.

O objetivo deste estudo é dialogar com princípios éticos e pilares educacionais presentes na Comunidade Pedagógica de Bell Hooks que orientam a sua Pedagogia Engajada como prática da liberdade.

Consiste em um ensaio teórico com reflexões ancoradas nas obras de Bell Hooks (2017, 2019, 2020, 2021) e de autores afins ao seu pensamento libertador como Dussel (2012) e Freire (2000; 2006). O ensaio justifica-se por ser um texto leve no qual vamos dialogando com a autora ao mesmo tempo em que tecemos reflexões sobre a sua Comunidade Pedagógica pautada em princípios éticos que se nutrem da vida em comunidade, bem como em pilares que sustentam sua Pedagogia Engajada com grupos humanos colocados em condições de subalternidade, mas que nesta Pedagogia têm a possibilidade de erguer suas vozes.

Meneghetti (2011, p. 322) comunica que o ensaio teórico “caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência. Assim, para o autor, “a forma ensaística é a forma como são incubados novos conhecimentos, até mesmo científicos ou pré-científicos [...] Sua radicalidade está no seu não-radicalismo dogmático” (p. 323).

COMUNIDADE PEDAGÓGICA: PRINCÍPIOS DA ÉTICA AMOROSA

Hooks (2017), ao narrar a história da sua vida, conta que, diferente da escola segregada, na dessegregada precisava “engolir” mentiras supremacistas brancas, situação que lhe causava dor e sofrimento, sentimento confirmado com a vivência patriarcal experimentada no espaço de sua casa. Neste contexto de dor, a jovem mulher negra encontra na teoria insurgente uma ética que a autoriza a viver. Uma ética que preza pela vida, mesmo em contextos de corpos com marcadores de diferenças.

Identificamos nos escritos de Bell Hooks uma ética que se aproxima da ética da libertação de Enrique Dussel (2012) e da ética humana de Paulo Freire (2000), para os quais a ética tem como critério de valor primeiro: a vida.

A ética de Hooks envolve um viver baseado em princípios e valores éticos que orientam a convivência coletiva. Nas palavras de Hooks (2021b, p. 137):

Para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajosos. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho. Aqueles de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantêm sua chama acesa. Não estamos sozinhos.

Hooks (2021b, p.123, 124 e 130) considera que “uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança”. Considera que “Indivíduos que escolhem amar podem alterar e alteram a própria vida para honrar a primazia da ética amorosa. Explica que “abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor — “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” — em nosso cotidiano”.

Assim, como a ética de Dussel (2012), a ética amorosa de Hooks se configura como uma ética do cotidiano, isto é, precisa ser efetivada no processo de libertação no cotidiano das práticas e interações sociais. A ética amorosa seria o caminho de possibilidade da libertação:

A dominação não pode existir em qualquer situação social em que prevaleça uma ética amorosa. É importante lembrar a percepção de Jung, de que, se o desejo de poder predomina, o amor estará ausente. Quando o amor está presente, o desejo de dominar e exercer poder não pode ser a ordem do dia. Todos os grandes movimentos sociais pela liberdade em nossa sociedade têm promovido uma ética amorosa. A preocupação em relação ao bem coletivo de nosso país, de nossa cidade ou vizinhança, baseada em valores amorosos, faz com que todos busquemos nutrir e proteger esse bem (Hooks, 2021b, p. 134).

Portanto, a ética e a amorosidade estão contidas em suas reflexões. O amor da autora pela vida, pela educação, pelo conhecimento e pelos seres humanos, anuncia uma pedagogia implicada em uma ética amorosa, que atravessa todas as dimensões de nossa vida, que nos convoca à tolerância, ao abraço das diferenças, ao entendimento de que nossa vida está intimamente ligada àquela que nos irmana a humanidade e a luta pelo direito de sermos livres, de viver bem e plenamente.

Os princípios que compõem a ética amorosa de Bell Hooks são: a alegria, a autorrealização e o crescimento espiritual; a honestidade, a franqueza e a integridade pessoal como valores; o conhecimento; o cuidado; a interdependência; o amor, a esperança, a justiça, e a liberdade.

A alegria, a autorrealização e o crescimento espiritual

Hooks (2021b; 2017; 2020) preza por uma educação que se pauta na vida, no crescimento e na possibilidade do ser humano *ser mais*, máxima aprendida também com Freire (2006). Tudo isso é possível e realizável a partir da promoção de encontros educativos nos quais as pessoas, os/as estudantes possam significarem-se mutuamente seres capazes de agregar saberes, de produzirem conhecimentos e de compreender que tudo isso atravessa um corpo integral, portanto, biopsicossocial e espiritual. Um corpo gregário que, na interlocução com outros, é afeto e é afetado por uma onda solidária, alegre, séria, portanto ética, que permite o crescimento e a vitalidade de todos que compõem essa comunidade. Nas palavras da autora:

Não conheço ninguém que tenha adotado uma ética amorosa e não tenha se tornado uma pessoa mais **alegre e mais realizada**. A suposição comum de que o comportamento ético acaba com a diversão na vida é falsa. Na realidade, viver eticamente garante que os relacionamentos em nossa vida, incluindo encontros com estranhos, alimentem o nosso crescimento espiritual (Hooks, 2021b, p. 125). (grifo nosso).

Dessa maneira, percebemos nos escritos da autora a ética amorosa como um o caminho possível para proporcionar ao ser humano ser mais alegre, situação oportunizada a partir do encontro com o outro, também humano (Buber, 2004). Encontro que pode realizar-se como pessoa humana, ser da integralidade, que tem entre os componentes de sua complexa existência a condição espiritual, tão negada em contextos formativos, especialmente de nível superior que preza por uma racionalidade científica moderna que fragmenta o humano.

A honestidade, a franqueza e a integridade pessoal como valores

Sobre os princípios “da honestidade, da franqueza e da integridade pessoal como valores” a autora nos convida mais uma vez a subverter a lógica malvada na qual está ancorada o estado capitalista e a educação subserviente que se forja neste lugar. Subverter essa lógica, portanto, implica “ter fé nas pessoas”, esperar outras relações possíveis. Verbo que se traduz na materialização de práticas educativas outras, emergentes, insurgentes, possíveis, que

estão na beira, na borda e que podem ser tecidas no cotidiano, tendo a ética amorosa como horizonte existencial. Dessa forma, Hooks (2021b, p. 124) anuncia que:

O compromisso com uma ética amorosa transforma nossa vida ao nos oferecer um conjunto **diferente de valores** pelos quais viver. Em grande e em pequena escalas, fazemos escolhas baseadas na crença de que a **honestidade, a franqueza e a integridade pessoal** precisam ser expressas nas decisões públicas e privadas (grifo nosso).

Esses princípios são fundamentais para formar e transformar a vida das pessoas como cidadãos. Tal como a autora, compreendemos o ser humano como ser de escolhas, da autonomia e da conversa, neste sentido, precisa definir os valores que orientam os seus afazeres. Neste contexto, a ética amorosa de Hooks aponta esses valores como fundamentais para as ações humanas em sociedade: a honestidade, a franqueza e a integridade pessoal.

O conhecimento

Em suas obras, Bell Hooks (2017; 2020; 2021a), com frequência, expõe as políticas de vergonha e humilhação que reiteradamente afetam a autoestima, a saúde mental e emocional de estudantes e profissionais da educação, em especial negros e negras. Na sociedade estadunidense e, especificamente no contexto educacional, a autora denuncia que negras e negros são cotidianamente submetidos à descrença de suas capacidades e ao descrédito em relação a seus conhecimentos e à sua cultura ancestral. Destaca a autora que “dentro da academia patriarcal, as mulheres são levadas a escolher entre os vieses sexistas no conhecimento, que reiteram a dominação baseada em gênero, e as formas de conhecimento que intensificam a consciência de igualdade de gênero e autodeterminação da mulher” (Hooks, 2021a, p. 34). A sala de aula apresenta-se como um “microcosmo da cultura do dominador” na qual os(as) professores (as) exercem o poder autocrático, institucionalmente validado, decidindo quanto à relevância ou à insignificância de uma experiência, de um conhecimento ou outro. Expressa Hooks (2017, p. 191) que:

Habitamos instituições reais onde pouquíssimas coisas parecem ter mudado, onde há pouquíssimas mudanças no currículo, quase nenhuma mudança de paradigma, e onde o conhecimento e a informação continuam sendo apresentados de maneira convencionalmente aceita.

Na contramão do vivenciado, a autora defende que se realmente existe o desejo de uma educação como prática da liberdade, é preciso compreender que a prática educativa engajada

e democrática liberta o conhecimento da asfixia causada pelo ponto de vista e pelo pensamento capitalista imperialista patriarcal supremacista branco. Neste sentido, o acesso ao conhecimento tem a função de esclarecer e viabilizar o processo de transformação da vida humana e da sociedade. Para a autora, o princípio do conhecimento pressupõe:

Entender o **conhecimento** como um elemento essencial do amor é vital, pois somos diariamente bombardeados com mensagens que nos dizem que o amor está relacionado ao mistério, ao que não podemos conhecer. (Hooks, 2021b, p. 130 – 131). (grifo nosso).

Bell Hooks (2021a, p.92) afirma que os (as) educadores (as) democráticos (as) compartilham conhecimento fora da sala de aula; deslocam-se pelo mundo compartilhando conhecimento ao mesmo tempo em que aprendem diversas maneiras de transmitir informação, afastando “a noção de que acadêmicos não têm contato com o mundo externo aos sagrados salões da academia”. No movimento democrático e inclusivo de partilha do educador e da educadora, a comunidade pedagógica de Hooks se instala e se fortalece por meio da alegria, do amor, da cumplicidade, da solidariedade e da autorrealização. Trata-se da articulação de conhecimentos de diferentes procedências e, nesse processo, se constroem aprendizagens significativas e transformadoras com repercussões ao longo de toda a vida. Segundo a autora: “educadores zelosos abrem a mente, permitindo aos estudantes acolher um universo de conhecimento que está sempre sujeito à mudança e ao questionamento” (Hooks, 2021a, p. 154).

Desta forma, o fazer pedagógico engajado e democrático compreende o conhecimento como experiência que enriquece a vida integralmente, intimamente ligado à cura e à plenitude; é a educação que “diz respeito a encontrar e reivindicar nossa existência e nosso lugar no mundo” (Hooks, 2021a, p. 91), que permite nosso deslocar em territórios “flutuantes”, logo mutáveis, nos quais necessitamos “aprender constantemente a estar presentes no agora. Se não estamos engajados por completo no presente, ficamos presos ao passado e nossa capacidade de aprender diminui.

O cuidado

A ética pensada e vivida por Bell Hooks (2022c) preza, fundamentalmente, por relações de cuidado com o outro humano. Compreende a autora que a relação *eu-outro* não é de oposição, que justifica a opressão e a exclusão, mas uma junção de “eus”, que incorpora uma

realidade coletiva. No processo do encontro, o princípio do cuidado permite a identificação do eu e do outro como de alteridade, mesmo com os marcadores das diferenças presente em ambos. Nas palavras de Hooks (2019, p. 77-78):

Descartando a noção de que o eu existe em oposição a outro que deve ser destruído, aniquilado (pois, quando saí do mundo segregado de casa e passei a viver com e entre pessoas brancas e seu saberes, aprendi essa maneira de compreender a construção social do eu), evoquei os saberes que havia aprendido de pessoas negras do sul não escolarizadas. Nós aprendemos que o eu existia em relação, era dependente, para sua própria existência, das vidas e das experiências de todas as pessoas; o eu não como “um eu”, mas a junção de “muitos eus”, o eu como a incorporação de uma realidade coletiva passada e presente, família e comunidade.

O cuidado está relacionado à autonomia de escolhas, ao posicionamento crítico e à liberdade dos sujeitos transformarem suas vidas e a sociedade. Assim, na ética amorosa de Hooks, homens e mulheres precisam ser reconhecidos societalmente humanos, sendo garantidos espaços democráticos em que possam expressar-se multissensorialmente, bem como possam se reconhecer como humanos, como seres de capacidades, de modo que se aprendendo humano, será capaz de narrar e escrever a sua humanidade.

A Interdependência

Hooks (2021a) compreende a interdependência como prática básica da vida humana em sociedade e na educação. Compreende que a interdependência permite reconhecer que a sala de aula não deve ser lugar para a afirmação de nenhuma forma de dominação. Constitui espaço de sustentação da democracia e do direito de todos à educação; de nutrição do pensamento crítico, de forma a criar contextos de descolonização das mentes e de zelar pela autoestima e pela integridade física e emocional uns dos outros.

Freire (2018, p. 22-23) comunica ser a interdependência necessária à existência. Narra como virtude a “carência”, a necessidade que o ser humano tem do outro. Comunica o autor:

Sempre digo que me sinto uma pessoa imensamente carente e creio que uma das minhas melhores virtudes é este sentimento de carência, de necessidade do outro e da outra. Jamais me senti bastando-me a mim mesmo. Necessito de outros. E é, talvez, por isso que posso entender que os outros também necessitem de mim.

Interessante essa reflexão sobre a interdependência humana, sobre a lembrança que Hooks e Freire nos trazem de ser o humano, um ser gregário. Lembrança necessária em contextos de isolamento, de alienação da vida em comunidade com a máxima “cada um no seu quadrado” propagada pelo sistema capitalista. O princípio da interdependência precisa ser lembrado cotidianamente e com ele está intimamente conectado o do cuidado.

O Amor, a esperança e a justiça

O amor constitui para Hooks (2021b, 112-113 e 114) uma “força espiritual que une e interliga todas as vidas”; uma “força ativa que deveria nos levar a uma comunhão mais ampla com o mundo”. Sendo assim, o amor é visto pela autora como uma ação, como um fazer ético que envolve responsabilidade e comprometimento:

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. Somos com frequência ensinados que não temos controle sobre nossos “sentimentos”. Contudo, a maioria de nós aceita que escolhemos nossas ações, que a intenção e o desejo influenciam o que fazemos. Também aceitamos que nossas ações têm consequências (Hooks, 2021b, p. 55).

Tanto para Bell Hooks (2021b) quanto para Paulo Freire (2020), o amor constitui tarefa do sujeito, portanto, uma ação que inaugura o diálogo, a conversação, por ser “uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam (Freire, 2020, p. 36). Assim, a educação amorosa, democrática e engajada não deseja apropriar-se do outro; ela implica luta contra o egoísmo, um fazer que compreende o outro e o respeita, em sua alteridade. Destarte, “o amor e o abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado” (Hooks, 2021b, p. 48).

Na comunidade pedagógica de Bell Hooks (2021b, p. 55), o princípio do amor se apresenta como forma de superar a opressão e as ações de desumanização, porque considera que “quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança”. É pelo amor e no amor que renovamos nossa esperança e nossa humanidade; com amor caminhamos unidos rumo à construção de um mundo mais solidário, mais humano e mais justo. É o amor concernente à esperança da superação da opressão e da dominação, e à justiça, como informa a autora:

Manifestações de prática amorosa renovam nossas esperanças e restauram a alma. Em todo o mundo, a teologia da libertação oferece aos explorados e aos oprimidos uma visão de liberdade espiritual ligada às lutas pelo fim da dominação. [...] Sem justiça, não pode haver amor (Hooks, 2021b, p. 112).

Em vista disso, é possível afirmar que a esperança em Hooks (2017; 2021b) apresenta relação com o inédito viável de Paulo Freire (2000), porque aponta para a perspectiva de enfrentamento e a viabilidade de superação das desigualdades sociais. A liberdade e a justiça precisam ser vistas possíveis de serem realizadas e que a vida humana pode ser modificada.

Nossa esperança está [...] em nos dedicar a uma visão sobre a vida na qual a liberdade e a justiça para todos não sejam mais um sonho, mas a realidade a ser adotada se quisermos sobreviver, se quisermos que o planeta sobreviva. Somente quando trabalhamos pela mudança é que vemos nitidamente que ela pode acontecer, que nossa vida pode ser transformada, que podemos sempre renovar nossos espíritos e reacender nossa esperança (Hooks, 2022c, p. 277).

Isto posto, educar consiste em uma vocação arraigada na esperança e fundada no amor, na qual a justiça possibilite uma análise mais crítica e complexa da realidade e o engajamento com a inclusão social:

Sempre que amamos a justiça e nos colocamos ao lado da justiça, recusamos binarismos simplistas. Nos recusamos a permitir que qualquer pensamento anuvie nosso julgamento. Abraçamos uma lógica inclusiva. Reconhecemos o limite do nosso conhecimento (Hooks, 2021a, p. 45).

O desejo de educar para o amor, para a esperança e para a justiça engajou Bell Hooks (2017; 2021a) na luta pela transformação da sala de aula em um lugar para a prática da liberdade, com questionamento de ideias e dos hábitos de ser, reconhecimento franco de o quanto nossas preferências políticas moldam nossa pedagogia e necessidade contínua de examinar criticamente o modo como nós, professoras e professores, conceituamos como deve ser o espaço do aprendizado. Nesse ambiente democrático, é necessário que todos sintam a responsabilidade de contribuir, por intermédio da abertura radical e do rigor intelectual, para um processo educativo que conduz mentes radicalmente colonizadas para a autorrecuperação; prática educativa que implica empoderamento, libertação, transcendência e renovação da vitalidade.

A autora destaca:

Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras

devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes. Esse risco, em última análise, é menos ameaçador que o apego e o apoio contínuos aos sistemas de dominação existentes, particularmente na medida em que afetam o ensino, como ensinamos e o que ensinamos (Hooks, 2017, p. 175).

Considera Hooks (2021a) que a educação do desamor, da humilhação e da desumanização concede aos educadores o poder autocrático de decisão quanto à relevância ou à insignificância de saberes e experiências e empreende o cultivo de seres humanos profundamente confusos, indecisos e desesperançosos, resultando na perda de conexão com a humanidade, com os ecossistemas, com a vida, impedindo a criação de comunidades vitais de resistência.

A Liberdade

A liberdade em Hooks (2022b, p. 85) está em superar todas as formas de opressão, de classe, de gênero, racial, etc., viabilizando os direitos e a igualdade social para todos os seres humanos. Ela explica que:

A liberdade (e por esse termo eu não tenciono evocar algum *whisky wash* que deixa suspenso o mundo do faz como quiseres) como igualdade social positiva que garante a todos os humanos a oportunidade de modelar o seu destino na riqueza e produtividade comum, só pode ser uma realidade completa quando o nosso mundo não for mais racista e sexista.

Neste sentido, a luta ético-política pela superação da opressão e desigualdade social não envolve só questão de classe, engloba questões raciais, sexistas, entre outras. Educar para a Liberdade significa modificar as práticas enquanto docente, investir na vida, dialogar na/com a diferença, compartilhar mundos, nutrir uma permanente abertura, buscar novos conhecimentos, acreditar na possibilidade do outro e valorizar ações coletivas e solidárias, com vistas à superação de todas as formas de opressão.

Na Comunidade Pedagógica, compreende Hooks (2021a) que há que se reconhecer a capacidade de ser livre, de opinar, de optar e de criticar de todo ser humano; um ambiente no qual pessoas, culturas, saberes, experiências e visões de mundo são integradas, sem parâmetros de hierarquia e com a valorização de todos os membros que formam a Comunidade.

A capacidade de ser livre, optar e criticar está presente em Freire (2005) quando aponta para a possibilidade do ser humano integrar-se na sociedade.

Oliveira (2000) explica que, segundo Freire, pela integração, os homens e as mulheres se humanizam e se constituem sujeitos. Neste sentido, ser sujeito é ser integrado à realidade social, face sua capacidade de optar, problematizar e transformar a sociedade. Entretanto, na medida em que são impedidos de optar e problematizar o contexto sociocultural em que vivem, sendo submetidos a prescrições alheias (como as propagandas ideológicas, políticas e comerciais), não sendo suas decisões, porque resultam de comandos estranhos, eles não se integram, mas acomodam-se, ajustam-se a determinadas situações, coisificam-se, alienam-se e desumanizam-se. A luta pela humanização, então, se caracteriza pela afirmação do ser humano como pessoa humana e se constitui em uma posição ético-política (Oliveira, 2015, p. 57).

Assim, desta ética emergem palavras-força: a alegria; o encontro; a realização; o crescimento; a transformação; valores de vida, o conhecimento, o cuidado, a interdependência, amor, esperança, justiça e liberdade. Palavras-força que oportunizam um campo semântico, que conferem sentidos positivos ao ser humano que vive e convive fecunda relação com as diferenças.

Hooks (2021a, p. 67) compreende como transgressão ética as práticas que se apropriam da influência do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista na “construção de cada aspecto de nossa cultura, incluindo a maneira como aprendemos, o conteúdo do que aprendemos e o modo como somos ensinados” e partilha sobre a necessidade do reconhecimento de que o patriarcado supremacista branco opera relações hierarquizadas de poder, relações que ratificam transgressões éticas.

Entende a autora, que quando somos ensinados em estruturas hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas e hierarquicamente desumanas que sustentam a dominação, perdemos a esperança e, conseqüentemente, somos invadidos por um cinismo que naturaliza a violência e a morte, bem como comunica sobre a impossibilidade da paz, “sobretudo entre pessoas que são diferentes, que não têm nem aparência nem discurso semelhantes, que não comem a mesma comida, não adoram os mesmos deuses, nem falam a mesma língua” (Hooks, 2021a, p. 46).

Em face da transgressão ética viabilizada por relações hierarquizadas, por posturas autocráticas, pela negligência do diálogo, pelo não reconhecimento das diferenças, Bell Hooks

reflete em sua Ética Amorosa encaminhamentos práticos para o exercício na sala de aula como expressão da Liberdade.

COMUNIDADE PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA LIBERTADORA: PILARES PEDAGÓGICOS

O engajamento da autora com a criação da Comunidade Pedagógica orientada pela educação como prática da liberdade a conduziu na busca de estratégias pedagógicas que servissem para mudar a concepção e práticas educacionais opressoras vigentes, tendo por base os princípios de sua ética amorosa.

Gomes e Faria (2021, p. 288) destacam que:

Hooks (2013), assim como Paulo Freire, acredita na construção de uma educação humanista, antirracista, anti-homofóbica etc, que reconheça as especificidades do aluno, que quebre o silêncio, que garanta voz ao estudante, que seja capaz de estimular o senso crítico e que avance para uma prática que os liberte das opressões. Todavia, para que isso aconteça, é necessário que o professor se desfaça de modelos pedagógicos arcaicos, em que a relação professor/aluno é vista de forma vertical e hierárquica, e o aluno como um sujeito passivo e vazio de conhecimento.

Hooks corrobora a visão de Paulo Freire da necessidade de superar a educação antidemocrática e opressora por meio de uma educação humanista e libertadora. Em uma Comunidade Pedagógica o fazer da sala de aula é um lugar construtivo para o aprendizado crítico e libertador, que perpassa por um fazer pedagógico pautado nos princípios éticos: a alegria, a autorrealização, o crescimento espiritual, a honestidade, a franqueza, a integridade pessoal, o conhecimento, o cuidado, a interdependência, o amor, a esperança, a justiça e a liberdade, e em alguns pilares pedagógicos entre os quais: abraçar a mudança, conversação, ensinar o pensamento crítico e compartilhar histórias.

Abraçar a mudança

A autora compreende que as pessoas podem mudar seus pensamentos e práticas, por isso a importância do compromisso ético-político com a mudança social. Ela narra:

Enquanto crescia em um mundo de *apartheid* racial, eu sempre soube que havia pessoas brancas corajosas que sacrificavam poder, *status* e privilégio para serem antirracistas. Eu as ouvia quando, na casa da minha avó, no lado branco da cidade, expressavam suas crenças na justiça. Eu as vi cruzar fronteiras num tempo em que isso era muito perigoso. Quando eu era criança,

sabia que pessoas brancas eram **capazes de mudar** (Hooks, 2020, p. 104). (grifo nosso).

Assim, para abraçar a diversidade humana na sala de aula, Bell Hooks (2017) destaca que educadores e educadoras devem ter disposição para mudar os currículos dos cursos e a natureza de sua prática pedagógica. Neste contexto, o corpo docente precisa desaprender o racismo para aprender sobre a colonização e a descolonização e compreender plenamente a necessidade de criar uma experiência democrática de aprendizado.

Nesta perspectiva, ser educador/a antirracista significa: ser profundamente comprometido/a com a luta pela libertação; confrontar as questões de raça e gênero, proporcionando respostas significativas para perguntas problemáticas e meios acessíveis e apropriados para comunicar essas respostas; questionar como e o que aprendemos; dialogar sem medo do conflito; utilizar o conflito como catalisador para uma nova maneira de pensar e para o crescimento coletivo; examinar criticamente sua postura e a transformação de sua consciência; e, mostrar-se disposto/a a discutir publicamente as mudanças no seu pensamento.

Na Comunidade Pedagógica isso significa instituir locais de formação onde educadores e educadoras possam expressar seus temores e, simultaneamente, aprender a criar estratégias para abordar a sala de aula atravessada pelas diferenças e o currículo intercultural. Destaca a autora:

O engajamento sincero, justo e apaixonado com a diferença e com a alteridade me dá oportunidade de viver com justiça e amor. A diferença potencializa a vida. E isso não pode ser confundido com noções superficiais de inclusão ou de vivenciar uma diversidade na qual uma pessoa permanece em espaço de privilégio enquanto se aproveita daqueles que são considerados “os outros”. Falo da diversidade que permite a uma pessoa ser fundamentalmente tocada, totalmente transformada. Os resultados dessa transformação são a mutualidade, a parceria e a comunidade (Hooks, 2021a, p. 186).

Desta forma, faz-se necessário o engajamento do corpo docente em discussões práticas acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para construir e manter a Comunidade Pedagógica, os (as) educadores (as) engajados (as) precisam “ter coragem para aceitar períodos de esgotamento e reagir a eles, para acolher a dor da perda e da separação” (Hooks, 2021a, p. 59).

Neste sentido, a autora defende períodos de afastamento do educador da sala de aula, no momento em que este percebe o desestímulo, o esgotamento e a desesperança em relação

ao ensino. Diante do cansaço em lecionar, a autora sugere que educadores façam pausas para avaliar sua situação pessoal no intuito de identificar qualquer aspecto da experiência pedagógica que permaneça atraente e divertido. Essas pausas serviriam como “lembrete para o fato de que não há sistemas fechados, que todo sistema tem uma lacuna e que esse espaço é um lugar de possibilidade” (Hooks, 2021 a, p. 64).

Conversação

A educadora Bell Hooks (2020, p. 31 e 85) defende o diálogo como o espaço central da pedagogia democrática e engajada. Neste sentido, a autora anuncia que, “em grande parte, a aquisição de conhecimento chega até nós, na vida diária, por meio de conversas. Como ferramenta de ensino, dentro e fora da sala de aula, a conversação é incrivelmente democrática”. Assim, a pedagogia engajada centra a atenção na questão da voz - Quem fala? Quem ouve? E por quê?, pois “as conversas não são unidimensionais; elas sempre nos confrontam com diferentes formas de enxergar e de saber”. Ela explica:

O ambiente acadêmico é separado somente quando trabalhamos para torná-lo assim. É uma falsa dicotomia que sugere que acadêmicos e/ou intelectuais podem conversar somente entre si, que não podemos ter esperança de conversar com as massas. A verdade é que fazemos escolhas, que escolhemos nosso público, que escolhemos quais vozes ouvir e quais vozes silenciar. Se eu não falo numa linguagem que pode ser compreendida, então há poucas chances para o diálogo (Hooks, 2019, p. 168).

A autora parte do princípio que conversar envolve doação, compartilhamento de poder, saberes e conhecimento sendo, portanto, uma iniciativa de cooperação. Defende que ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro é um exercício de reconhecimento que garante que nenhum educando permaneça invisível na sala de aula (Hooks, 2017; 2020). De acordo com a educadora:

Um modelo de aprendizado baseado na conversa é útil principalmente quando a sala de aula é diversa. Todos nós fomos, em alguma medida, socializados para nos sentir confortáveis em escutar ou falar durante uma conversa, de modo que é menos provável que se ergam barreiras defensivas. Nos debates em sala de aula que não são conversas, é comum a ideia de que apresentar argumentos e refutações é a única maneira de abordar questões relevantes. Discussões baseadas em conflitos quase sempre convidam a mente a fechar, ao passo que a conversa como meio de interagir nos provoca a abrir a mente (Hooks, 2020, p. 83-84).

Sobre o diálogo, Soares e Costa (2019, p. 142 e 143) referem que “em consonância com a dialogicidade freireana, Hooks defende o papel do diálogo na formação de uma comunidade de aprendizado”. E acrescentam que: “o diálogo, marca comum entre as comunidades de aprendizado freireanas e hookeanas, é a ação mais simples e talvez por isso também a mais difícil de ser acolhida nos mais diversos ambientes de ensino”.

Ao escrever sobre o diálogo para a construção de uma comunidade de aprendizagem, a autora nos convida ao diálogo amoroso, ético e engajado; diálogo que nutre intelectualmente e espiritualmente os educandos e as educandas, engajando-os no material obrigatório com uma consciência aumentada. Trata-se de um diálogo que possa incluir diferentes vozes, no ambiente educacional ou fora dele, de modo a reanimar a esperança e a fundar o sentimento de comunidade diante das barbáries cotidianas.

Ensinar o pensamento crítico

No projeto pedagógico de Bell Hooks (2020), pensar é uma ação e o pensamento é o lugar onde se formulam perguntas e se une teoria e prática no anseio de encontrar respostas. Dito isto, podemos afirmar que a Pedagogia Engajada da autora consiste em uma estratégia de ensino que busca educar seres humanos para pensar criticamente, situando-os como sujeitos históricos e da transformação, com vontade de autorrealização e autodeterminação. Assim, o cerne do pensamento crítico tem por base o anseio por saber e compreender o funcionamento da vida.

Quando estudantes me perguntam o que eu mais espero deles, digo que minha intenção não é fazer com que se tornem “pequenos e pequenas bell hooks”. Eles não precisam pensar como eu. Minha esperança é que, ao aprenderem a pensar criticamente, estarão se autorrealizando e se tornando autodeterminados (Hooks, 2020, p. 274).

Bell Hooks (2019, p. 76) orienta sua práxis (ação e reflexão) libertadora resgatando o esforço dos oprimidos, dos subalternizados, dos dominados para o desenvolvimento da consciência crítica para identificar as forças que os exploram e dominam. Consiste em uma práxis pedagógica para criação de “resistência efetiva e significativa, para fazer a transformação revolucionária”, pois é a medida que o ser humano, integrado no contexto, reflete e se engaja na luta pela transformação das condições opressoras e desumanizadoras, “que ele mesmo se constrói e se torna sujeito” (Freire, 2016, p. 69).

Ao abordar o desenvolvimento do pensamento crítico como um dos pilares de sua Pedagogia Engajada, a educadora Bell Hooks (2020, p. 36) admite que:

O aspecto mais empolgante do pensamento crítico na sala de aula é que ele pede a iniciativa de todas as pessoas, convidando ativamente todos os estudantes a pensar com intensidade e a compartilhar ideias de forma intensa e aberta. Quando todas as pessoas na sala de aula, professores e estudantes, reconhecem que são responsáveis por criar juntos uma comunidade de aprendizagem, o aprendizado atinge o máximo de sentido e utilidade. Todas as pessoas participam e compartilham os recursos necessários a cada momento para garantir que deixemos a sala de aula sabendo que o pensamento crítico nos empodera.

Nesta perspectiva, o pensamento crítico tanto viabiliza a formação de uma comunidade de aprendizagem como empodera os sujeitos a enfrentarem e a resistirem às opressões sociais.

Por fim, compreendemos que educar como prática de liberdade envolve a descoberta de respostas para as infindáveis perguntas que a criança faz motivada por sua curiosidade, por meio do questionamento e do desenvolvimento do pensamento crítico. A criticidade, então, rompe com a conformidade, com a obediência, com a desesperança, com o determinismo e faz emergir um sujeito histórico, ético, amoroso e engajado, capaz de construir a vida no mundo e a sua história, com foco no bem comum da humanidade.

Compartilhar histórias

Hooks (2019, p. 166) afirma que:

Nas instituições educacionais onde aprendemos a desenvolver e fortalecer nossas habilidades de escrita e análise, também aprendemos a pensar, escrever e falar de uma maneira que tira a atenção da experiência pessoal. Porém, se quisermos alcançar nosso povo e todas as pessoas, se quisermos permanecer conectados (especialmente aqueles de nós cujas origens familiares são pobres e de classe trabalhadora), devemos compreender que o relato da história pessoal de alguém fornece um exemplo significativo, uma forma de as pessoas se identificarem e se conectarem.

O desafio de educar em salas de aulas diversas, exige, segundo Hooks (2020; 2021a), a interação de múltiplas culturas e subjetividades, bem como de múltiplos saberes. Todavia, é notório que quanto mais diversa a sala de aula, maior a probabilidade de conflitos e de contestações, além de haver diferentes níveis de conhecimento, impedindo os professores de se valerem de um conhecimento compartilhado para construir uma comunidade. Considera que para simplificar a sala de aula, muitos professores retiram a experiência pessoal da sala de aula,

impedindo o aprendizado de habilidades que facilitarão o lidar com um mundo ainda não completamente antirracista, mas que já é diverso.

De acordo com Hooks (2017; 2020, p. 134), o aprendizado na diversidade nutre a conscientização e o pensamento crítico para a compreensão do funcionamento da vida, facilita o transitar em relações de alteridade e contribui para o acolhimento amoroso de subjetividades, muitas delas subalternizadas e silenciadas, porém, em um ambiente democrático, têm a oportunidade de emergir. Entende, ainda, que “se permitirmos a possibilidade de lágrimas, uma insurreição de conhecimento subjugado pode ocorrer”. Assim, transgredir rumo à libertação do fazer pedagógico e da sala de aula perpassa pela conexão dos humanos entre si, com suas culturas, com suas subjetividades e com suas histórias.

Na visão de Bell Hooks (2020, 2021a, 2017), o compartilhamento de histórias, sobretudo as histórias pessoais, faz emergir um alicerce para o aprendizado em comunidade, pois ao compartilhar tanto as experiências pessoais, quanto ouvir as peculiaridades de cada voz, nutre-se a autoestima dos educandos, preparando-os para viver num mundo diverso. Como estratégia pedagógica sinaliza que o compartilhamento de histórias em sala de aula, requer alguns cuidados por parte de educadores/as, entre os quais: assegurar o uso da experiência como ferramenta pedagógica e que não usurpe a leitura obrigatória; integrar e usar a confissão pessoal como meio de aprender mais sobre o material obrigatório; criar um ambiente onde os/as educandos/as aprendam que, além de falar, é importante ouvir os outros com respeito; a sala de aula deve ser um lugar onde as coisas são ditas a sério – não sem prazer, não sem alegria – mas a sério e para serem levadas a sério; afirmar o valor das vozes dos/as educandos/as e dar ênfase à partilha; os/as educadores/as têm de praticar a liberdade de falar, de compartilhar histórias tanto quanto os/as educandos/as; e, criar um contexto comunitário para o aprendizado, no qual educadores/as e educandos/as estão igualmente comprometidos com a criação de uma comunidade de aprendizagem.

Entre as atividades propostas por Bell Hooks, destacamos: a produção de textos que narrem histórias e trajetórias de vida; escrita de textos que se relacionem às leituras obrigatórias; produção e leitura de parágrafos curtos sobre o conteúdo obrigatório; escrita de textos pessoais concluindo frases ou respondendo a questões; produção e compartilhamento de narrativas

autobiográficas; realização de debates sobre questões políticas trazidas à tona a partir de obras literárias, de histórias de vida e outros materiais (Silva; Wenczenovicz, 2021).

Ainda no âmbito das estratégias e interlocuções, Silva e Wenczenovicz (2021, p. 43) esclarecem que:

A autora enfatiza a importância de colocar as cadeiras em círculo para que assim todas e todos se vejam e possam ser ouvidos/as; critica o afastamento físico do docente (em alguns ambientes acadêmicos, a presença de um praticável ou púlpito para que o/a professor/a fique numa posição de destaque em relação aos estudantes/; enfatiza a importância de estabelecer acordos com o grupo de estudantes desde o início do percurso de aprendizagem, um deles é que todos precisam contribuir oralmente em suas aulas, através da leitura em voz alta de seus textos, e/ou pela participação das discussões orais.

Na visão de Hooks (2020), em geral, por meio da escrita e compartilhamento de histórias descobrimos mais coisas sobre os educandos e podemos melhor adequar as estratégias pedagógicas para a inclusão na sala de aula e para o aprendizado em comunidade. Na comunidade de aprendizagem, educadores/as também precisam escrever e compartilhar suas histórias pessoais de forma a iluminar o material indicado, desmantelando hierarquias desnecessárias, que muitas vezes contribuem para o silenciamento dos/as educandos/as, ou seja, compreendendo que, mesmo estando vulneráveis, podem acreditar que seus pensamentos porque suas ideias receberão a consideração e o respeito apropriados.

Desta forma, na sala de aula engajada, segundo Silva e Wenczenovicz (2021), a experiência pessoal articulada à leitura obrigatória e incorporada à práxis (ação e reflexão) prepara educadores e educandos para a abertura radical, porque esse exercício permite que a voz de todos/as seja ouvida, além de promover uma atmosfera de cooperação e de escuta profunda que conduzirá a todos/as nos seus processos de autorrealização e autodeterminação, intensificando o desenvolvimento intelectual e a capacidade de viver mais plenamente no mundo.

Na construção de uma comunidade pedagógica, Gomes e Farias (2021) consideram que as (os) educadoras (os) precisam descentralizar o conhecimento teórico e aproximá-lo da prática para que haja criação de sentido na vida das educandas e dos educandos, ou seja, devem permitir o transitar de modos de conhecer e hábitos de ser, integrando teoria e práxis, nutrindo a abertura radical e rigor intelectual na sala de aula.

A pedagogia engajada proposta por Hooks apresenta princípios éticos e pilares educacionais fundamentais para a construção de uma comunidade pedagógica, com práticas

mais humanizadas, dialógicas e críticas, visando a superar o racismo, o machismo e todas as formas de opressão social, com vistas a uma sociedade mais humana e que respeite as diferenças e diversidades socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da escrita deste ensaio, realizamos análise do pensamento de Bell Hooks na construção da Comunidade Pedagógica, que se coloca como uma prática pedagógica insurgente que se contrapõe ao modelo rígido da escola convencional colonialista: racista, sexista, capacitista, conteudista, homofóbica, gordofóbica e racionalista.

Comunidade Pedagógica que se fundamenta em princípios de uma ética amorosa e nos pilares educacionais da Pedagogia Engajada: abraçar a mudança, a conversação, o ensinar o pensamento crítico, o compartilhar histórias que viabilizam a materialidade de construção de sala de aula libertadora, território ético-político, no qual as pessoas que têm inscrito em seus corpos marcas de diferenças possam saber *ser mais*, da alteridade.

Princípios éticos que apontam valores e práticas para o desenvolvimento de ações coletivas, solidárias, amorosas e libertadoras com vistas a uma sociedade mais justa e humana. O pensamento ético-educacional de Bell Hooks nos provoca a alçar voos ousados, lembrando sempre de que, nesta jornada, precisamos cotidianamente educar os nossos medos, para que não percamos a esperança face a tantos processos excludentes que precisam ser superados, de que a sociedade pode e deve ser modificada e de que somos sujeitos de escolhas e de ações transformadoras.

REFERÊNCIAS

- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2004.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. 4ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Compromisso: América Latina e Educação Popular**. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: CORTEZ, 2016, 167p.

- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- GOMES, Aparecida Dias Terras; FARIA, Roselita Soares de. **A construção de uma educação antirracista: um ensaio acerca das ideias de Bell Hooks**. SCIAS. Direitos Humanos e Educação, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 283–298, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5517>. Acesso em: 10 maio. 2023.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Recurso digital.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, Bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021a.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021b.
- HOOKS, Bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante, 2022a.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022b.
- HOOKS, Bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. São Paulo: Elefante, 2022c, 308p.
- MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **O que é um Ensaio-Teórico?** Documentos e Debates Rev. adm. contemp. 15 (2), Abr 2011. acessado em 14.10.2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/#>
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.
- SILVA, Ana Carolina Martins da; WENCZENOVICZ, Thaís Janaína (Orgs). **Direitos humanos, educação e políticas públicas**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2021. 236 p.
- SOARES, Maria Helena Silva. COSTA, Roberta Liana Damasceno. **Sobre a educação como prática de liberdade: Lições e diálogos entre Paulo Freire e Bell Hooks**. Kalagatos, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–145, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v16i2.6592. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6592>. Acesso em: 24 maio. 2023.

Recebido em: Outubro/2023.

Aprovado em: Fevereiro/2024.